

A QUEDA



Tauami de Paula

A Q U E D A

1ª Edição

São Carlos / SP

Editora De Castro

2020

Copyright © 2020 do autor.



DE CASTRO

Editor da Editora De Castro: Carlos Henrique C. Gonçalves.

Projeto gráfico: Carlos Henrique C. Gonçalves.

Fotos para capa e miolo: intervenção sobre fotos de Thiago Matos.

Ilustrações para miolo: recortes de desenhos de autoria desconhecida.

Preparador e revisor de textos/normalizações (ABNT): Frederico Helou Doca de Andrade – fredhelou@gmail.com
www.facebook.com/textualizese

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Paula, Tauami de
A queda [livro eletrônico] / Tauami de Paula. --
1. ed. -- São Carlos, SP : Editora de Castro, 2020.
PDF

ISBN 978-65-88909-00-3

1. Ficção brasileira I. Título.

20-46901

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados a Tauami Sales de Paula.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

contato@editoradecastro.com.br

editoradecastro.com.br

16 996165-490

SUMÁRIO

Apresentação	7
SUJEITO DE VALORES	9
TUDO EM SEU DEVIDO LUGAR	17
O BRILHO DO RUBI	25
MUDANÇA DE PERCURSO	31
A QUEDA	41
VIVER MACHUCA	51
NAVIO QUE PARTE	57
VOCÊ NÃO É NINGUÉM	61
A PRÓXIMA FESTA	69
DESENHOS DE UMA MADRUGADA	75
Sobre o autor	79

Apresentação

O livro que você agora está lendo é fruto de encontros, na maioria das vezes, infelizes, entre o seu autor e o mundo em que nasceu e cresceu. Os exemplos do dia a dia facilitaram muito a busca por inspiração. O interior do estado de São Paulo é repleto deles. Um amigo homossexual que defende um governante homofóbico, uma conhecida que acredita que algumas mulheres merecem ser estupradas, um parente que defende o extermínio dos desajustados à sociedade meritocrática.

Sendo a imagem e semelhança do que é tido como inimigo, o autor temeu, mais do que qualquer outra coisa, ter comportamentos similares. E sabendo, devido à sua origem e condição, que era possível ser igual aos que tanto desprezou e despreza, cobriu com palavras as ações que mais lhe causavam aversão.

Tropeçou dentro de si e encontrou resquícios de uma doença que está além do indivíduo. Descobriu, assim, que muito mais habita nele do que era capaz de admitir quando começou este simplório projeto. Talvez nisso esta pequena obra encontre seu verdadeiro sentido; desmascarar o que está encoberto pela neblina de sutis: “eu não faria isso”, “não dá pra generalizar”, “quem me conhece, sabe”. Mas, ainda talvez, esta seja apenas uma obra de exorcismo ou de medíocre masturbação intelectual.

Daria no mesmo. O autor espera que não seja esse o caso, mesmo sabendo que está nas mãos do leitor decidir.

Tauami Sales de Paula tem escrito histórias mancas na parte de trás de vários cadernos há, pelo menos, cinco anos. Esta é a sua primeira obra publicada.

SUJEITO DE VALORES

— Cara, se você não achar legal, você apaga ele do seu celular.

Foi essa a frase que convenceu Anderson a utilizar o aplicativo de encontros que seus companheiros de trabalho tanto mencionavam. A queda na procura por serviços de informática dava aos funcionários daquela pequena loja no centro muito tempo ocioso. A crise afetou todos. Os quatro homens ficavam papeando quase o dia inteiro nos fundos do cinzento depósito, enquanto o dono do local estava de férias com a família em uma cidade do interior.

Anderson, com seus cento e nove quilos, se sentia ainda mais sufocado pela camisa polo vermelha, de gola amarela, que servia de uniforme. Seus roliços dedos passeavam pela tela do celular, dando um brilho azulado à sujeira que dormia embaixo das unhas. Fotos e descrições das mais variadas mulheres atravessavam sua visão. Para que fosse liberado o diálogo entre os usuários do aplicativo, era preciso que as duas pessoas autorizassem a visualização de seus perfis.

Então, ele logo teria que jogar imagens suas, juntamente com uma boa apresentação. Por que tanta pressão em se relacionar? O hábito que seus colegas tinham de ficar se gabando das conquistas obtidas lhe causava repulsa. Aquilo não era digno.

O mundo engolia o que lhe havia sido ensinado. Valores fortes – moralidade, bondade e respeito – não encontravam mais razão (será que alguma vez tiveram?). A luta pela manutenção de um mundo que era só seu cansava e, a cada dia, perdia ainda mais o sentido apontado anos atrás por sua mãe. Sendo assim, que mal faria estar ali, sendo apenas mais um no meio daquele cardápio humano digital? Todos já haviam cedido mesmo. Se as coisas se tornassem minimamente desagradáveis, ele apagaria o aplicativo.

Aquilo era uma promessa.

Nos dias que vieram, Anderson lia cuidadosamente todas as informações ali expostas. Com muita atenção, também analisava as fotos das pretendentes. Era preciso valorizar o trabalho que ele havia tido para montar uma descrição atraente, que mostrasse sua postura altiva em relação à vida. Um pequeno excerto de Leminski recepcionava quem entrasse em seu perfil. Anderson não era grande fã de poesia, mas admirava muito os entendidos do assunto.

As fotos que escolheu mostravam apenas o seu rosto, com atraentes paisagens visitadas nas eventuais férias. É claro que o desarranjo que ele enxergava em seu corpo contribuía com isso – as pessoas não costumavam ser especialmente educadas ou compreensivas

com quem estava muito acima do peso –, mas, além disso, Anderson buscava alguém que enxergasse nele quem ele de fato era: um homem de valores, de boa família, que realmente acreditava no amor. Amor. Era aquilo que ele desejava encontrar. Contudo, parecia que somente ele buscava aquilo.

— Olha aqui – dizia ele a um dos colegas de trabalho – como posso cogitar sair com uma mulher que submete o corpo a tantas tatuagens? O que você acha que ela quer? Com certeza, não é encontrar o amor.

Os rapazes o ouviam por educação, se entreolhavam, pensando em como Anderson soava igual a um padre, daqueles responsáveis pela catequese das crianças.

Com o costume vindo do manuseio do aplicativo, ele desenvolveu critérios que tornavam sua vida virtual mais simples. Primeiro: jamais aceitaria conversar com alguém que usasse gírias ou cometesse erros gramaticais no perfil de apresentação. Esse ponto inicial veio de um raciocínio muito simples: como alguém que não se esforçava para escrever direito poderia ser uma pessoa decente? Segundo: ele não podia se permitir relacionar com alguém que quisesse algo casual. Por fim: a mulher escolhida deveria ser capaz de cuidar de si.

Quantas eram aquelas mulheres que se deixavam levar pela vida, se esquecendo de olhar para suas unhas, seus cabelos, suas roupas? Esse tipo de brio era algo que vinha do berço e, passada a infância, não se podia mais aprender.

Diferentemente do que todos os seus colegas de trabalho haviam falado, conseguir uma oportunidade de trocar mensagens com alguém não se mostrou algo simples. Na verdade, já fazia algum tempo que o aplicativo estava lá, ocupando espaço no precioso disco rígido de última geração do celular de Anderson, e ninguém lhe havia dado autorização para que uma conversa ocorresse. Claro, pensava ele, aquilo era fruto de seu minucioso trabalho de seleção. Era preciso separar o joio do trigo, as frutas que ainda não estavam maduras daquelas com o néctar mais doce. Contudo, era frustrante.

Quando seria reconhecido por suas qualidades, por seus valores, por seu esforço? Quando? Quando? Aquela angústia foi tomando conta de seu peito, até que, enquanto atendia no domicílio de um cliente com problemas no computador, ele sentiu seu celular vibrar. Alguém havia aceitado conversar com ele! E, se aquilo ocorreu, ele também já havia previamente selecionado aquela pessoa. Anderson,

com suas mãos e axilas suando mais do que o habitual, aguardou o findar do atendimento e, ao chegar ao carro da loja, se pôs a chafurdar no perfil de sua pretendente.

O nome dela era Clara: uma moça vinda da capital, após ter concluído a faculdade de Letras, para trabalhar como professora de inglês em uma escola de idiomas. Na descrição dada pelo aplicativo, sua alta cultura era enaltecida com uma frase de Lygia Fagundes Telles. Embora nunca tivesse lido nada da escritora, Anderson sabia de sua importância no meio literário. As fotos da professora mostravam um rosto branco, com um sorriso digno e de dentes bem cuidados. Os olhos das imagens brilhavam um verde-vivo que, em alguns momentos, parecia migrar para o cinza.

Anderson não conseguia acreditar na sorte que havia tido. Sorte, não! Aquilo era merecido. Finalmente estava sendo reconhecido por seus iguais! Finalmente. E agora? O que ele deveria fazer? Será que devia falar primeiro? E, se fosse o caso, o que ele deveria falar? Aquela era, com certeza, uma moça muito inteligente. Logo, não podia falar qualquer coisa. Era preciso ponderar.

Quais seriam as melhores primeiras palavras? Qual seria a melhor primeira questão? Qual? Qual? Qual? Em meio a uma profusão de perguntas que emergiam do pensamento de Anderson, um “oi” foi enviado por Clara.

Uma corrente elétrica atravessou Anderson, paralisando seus dedos. A espessura de sua papada começou a umedecer a gola de sua camisa. O carro em que estava desapareceu. Nenhum som atravessou os vidros fumê. Todo o Universo se transmutou, tomando a forma daquelas duas letras: “o” e “i”. As rédeas da situação tomaram a forma de enguias escorregadias.

“Respire fundo, volte ao controle. Você é homem ou não?!” Era preciso maturar o que seria feito. Anderson voltou a se sentir dentro do próprio corpo, abriu os vidros, inspirou o ar abafado que adentrava o ambiente e encarou o brilho do celular desaparecendo dentro de seu bolso. Quando chegasse na loja, ele começaria o diálogo; nem um minuto antes.

Ele precisava manter a situação em segredo dos colegas; aqueles animais jamais entenderiam o que se passava. Já aconchegado em seu canto, nos fundos da loja, Anderson respondeu para Clara com um clássico e certo “Oi, tudo bem contigo?”. A resposta demorou quase quinze minutos para vir. Clara justificou dizendo que estava

adiantando um plano de aula para a semana que viria. Anderson falou que não havia problema e que, caso ela precisasse, eles poderiam conversar uma outra hora. Ela falou que tudo bem se se falassem naquele momento. Uma conexão instantânea brotou daquele instante.

A conversa entre eles foi fluida, leve e desejada. As perguntas feitas demonstraram um interesse sincero, quase ingênuo que um possuía pelo outro. As horas posteriores atravessaram o tempo em um piscar de olhos. Anderson fez questão de passar toda e qualquer atividade que poderia surgir no trabalho para os companheiros. Nenhum deles reclamou, pois ele sempre fazia questão absoluta de cumprir com seu dever (e, às vezes, com o dever dos outros).

Clara demonstrou ser muito melhor do que qualquer um poderia imaginar: era estudiosa, trabalhadora e dotada de uma beleza que ultrapassava o superficial. Em meio ao vaivém do diálogo, a moça alegou não beber ou fumar. Aquilo era um ponto crucial para Anderson. Ele bebia, de forma contida e casual, mas achava extremamente deselegante uma mulher se alcoolizar. “Mulher que bebe não presta para casar”, recordou do brado da mãe.

Perfeita. Clara era simplesmente perfeita.

Era mais do que necessário marcar um encontro. Eles decidiram esperar até o final de semana chegar. Ela estava atolada de trabalho na correção das provas; e ele... bom, ele simplesmente precisava trabalhar. Uma vez que já era quarta-feira, bastava aguardar três dias.

Pois bem. Estava marcado!

*

O dia esperado parecia ter sido moldado pelas mãos de Deus especialmente para a felicidade de Anderson. O sol estava alto, e belíssimas nuvens caminhavam pelo céu, impulsionadas por agradáveis brisas.

Eles haviam marcado de almoçar juntos em um restaurante vegetariano que acabara de abrir. Em meio às muitas conversas que tiveram no tempo de espera, Clara falou ser vegetariana. Embora Anderson achasse uma tremenda estupidez alguém optar por aquilo, uma vez que o homem está no topo da cadeia alimentar, ele nada falou a respeito daquilo para ela. Um pequeno defeito em meio a tantas qualidades; nada que o convívio não o corrigisse.

Anderson havia separado uma camiseta de botão com uma calça *jeans* nova e um tênis branco. Não queria parecer muito for-

mal em sua primeira aparição, mas não desejava passar por desleixado. De dentro de uma caixa de sapatos que ficava embaixo de sua cama, ele pegou uma colônia amadeirada que havia ganhado da mãe na última vez em que a encontrou. Ela havia feito ele prometer que só usaria a fragrância em um momento especial. Aquele, sem dúvida, era o momento.

Enquanto colocava seu relógio no pulso, Anderson começou a repassar em sua mente, com uma nostalgia antecipada, as conversas que eles haviam tido. Como podia uma mulher assim existir? Ela havia contado para ele que ficou extremamente apreensiva de se expor no aplicativo. Afinal, o que pensariam dela? As pessoas, nos dias de hoje, julgam umas às outras por muito pouco. Mas, agora que estava falando com ele, estava tranquila e grata por ter tomado aquela atitude.

Muito havia sido exposto nas palavras pixeladas que trocaram: decepções amorosas, planos de viagens, filmes favoritos, ambições de trabalho e outras pequenas confidências sem valor. Uma naturalidade assim só podia ser indício de algo feito para durar.

Pronto e se examinando em frente ao espelho de seu quarto, nem mesmo a insegurança sobre seu corpo, que sempre surgia como um limite entre ele e o mundo, parecia ter valor.

Ele olhou as horas. 14h40min. O encontro estava marcado para as 15h10min. Ouvindo a tediosa fala dos pais, lapidada em sua mente como pedra, dizendo que sempre devemos chegar com, no mínimo, dez minutos de antecedência em nossos compromissos, Anderson decidiu sair.

Já em frente ao restaurante, estava decidindo se devia ou não esperar Clara em alguma mesa. Ele não queria parecer desesperado, mas achava que era de bom tom deixar evidente que o encontro era importante.

Uma mensagem, então! Anderson enviou uma mensagem avisando que estava no local e a aguardou.

Depois disso, seus olhos não desgrudaram da entrada do restaurante. Alguns casais, algumas crianças com seus pais e uns poucos indivíduos sozinhos caminhavam pela calçada. O lugar ocupava quase o quarteirão inteiro, parecendo ser de extremo bom gosto. Muros verdes, ornamentados rusticamente com várias flores diferentes, penduradas por toda sua extensão, recepcionavam quem chegasse.

Houve uma preocupação com relação ao valor que seria perdido, mas Anderson rapidamente lembrou-se de uma das con-

versas que teve com Clara na qual ela dizia para ficar tranquilo em relação àquilo, que o restaurante cobrava um valor justo. Ainda assim, Anderson tirou sua carteira do bolso para ver se estava tudo ali. Os cartões estavam todos ali, e o dinheiro físico (separado para casualidades) também.

Ao voltar seus olhos para o restaurante, ele sentiu como se uma faca gelada atravessasse seu coração.

Clara havia chegado.

Ou, ao menos, uma mulher muito parecida com ela acabava de chegar na entrada do local. Aquela não podia ser Clara. A Clara com quem ele conversava não podia estar tão fora de forma. Só podia ser um engano.

A mulher pesava algo em torno dos noventa quilos e usava um vestido florido que gritava com todas as cores do fogo. Usava óculos escuros chamativos e um batom vermelho sanguinolento. Não, essa não podia ser ela.

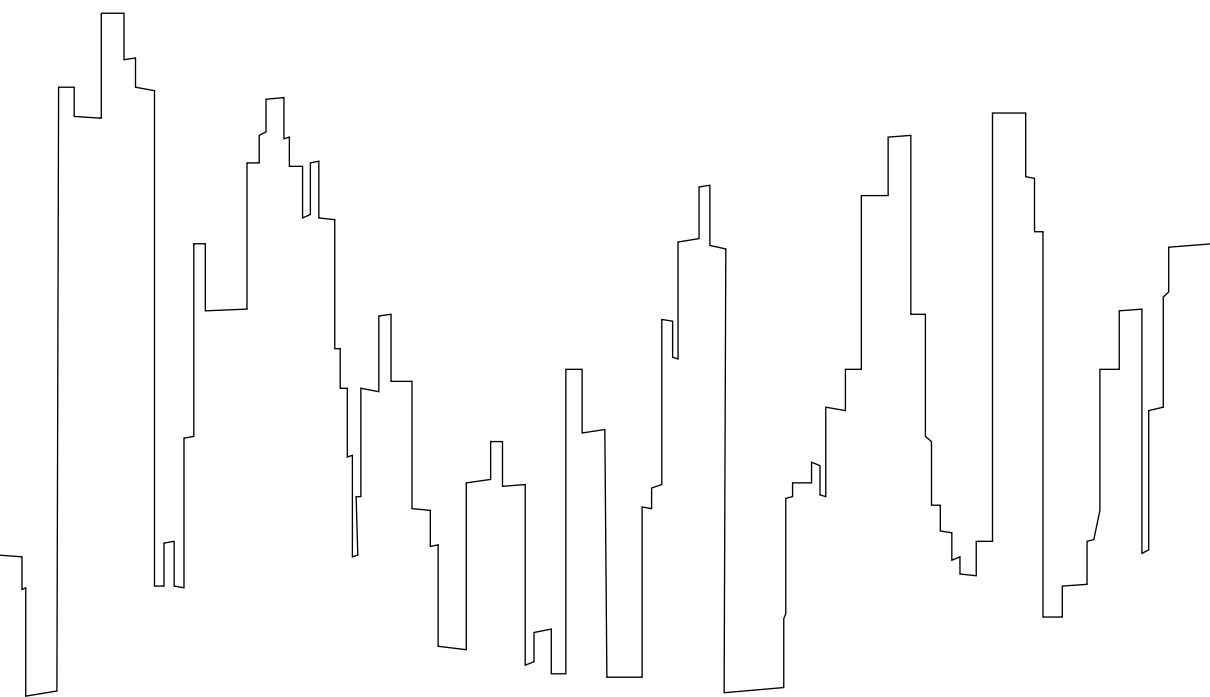
A confirmação de seus temores veio de modo fulminante quando aquela que deveria ser a mulher de seus sonhos sacou o celular, a distância, e começou a manuseá-lo. Em pouquíssimos segundos, Anderson sentiu seu bolso vibrar. “Cheguei”, dizia a mensagem recebida.

A traição se confirmara.

Ele deveria ter sido mais cuidadoso. As fotos do perfil dela mostravam apenas seu rosto e seus olhos, apenas para servir de fuga para os desleixos que acometiam o corpo dela.

Enfim... Anderson não podia aceitar aquilo. Sentindo o fel escorrer pelo seu corpo grosso, buscou uma saída. — Pense! De repente, notou a luz incidindo em seu rosto, vinda de bem perto de onde ele estava. Uma criança saía pela porta dos fundos. — Estacionamento?! Foi o momento exato, entre a dúvida e a certeza, utilizado para se levantar e sair. Sem mais, no carro foi no modo automático, deu partida e foi-se embora.

No primeiro farol, bloqueou qualquer diálogo com Clara, e, ao chegar em casa, desinstalou o aplicativo do celular.



Sobre o autor

Tauami de Paula é formado em Filosofia pela UFSCar e está inserido no programa de Pós-Graduação na mesma área e na mesma universidade. Dedicou-se à literatura há 5 anos.

Contato: 16 99205-3630

E-mail: tauamisales@gmail.com